

## Democracia como direito fundamental

BAVARESCO, Paulo Ricardo \*

**Resumo:** Neste trabalho procura-se discutir as transformações sociais nos últimos anos e a individualização da sociedade. Nesse aspecto, na sociedade individualizada é possível perceber o caráter democrático e os avanços em direção à construção de uma democracia radicalizada. Embora a ruptura com os movimentos de classes clássicos de outros tempos, os novos movimentos sociais aglutinam forças capazes de questionar a opressão e a subordinação. Esse individualismo que busca afirmar sua identidade de pertencimento e de grupo, constrói um novo discurso emancipatório. A liberdade, aspecto fundamental nesses movimentos, promove uma junção de diferentes identidades, as quais, por princípio próprio, exercem e exigem a democracia como valor ético e moral.

**Palavras-chave:** Modernidade. Movimentos Sociais. Democracia.

### Introdução

O discurso sobre Modernidade e o triunfo da Pós-modernidade ainda não está esgotado. A Modernidade tem sua emergência após o Iluminismo. Embora, anterior a isso, estendem-se as raízes do mundo Moderno. O ponto central do Moderno é a razão humana e foi o Iluminismo o marco divisor entre religião e razão. A razão humana se relaciona com as conquistas científicas e tecnológicas, com o progresso e a democracia e produziu profundas alterações no cotidiano dos indivíduos. Logo, a

\* Ciências Humanas e Sociais; paulo.bavaresco@unoesc.edu.br

Modernidade é o conjunto de mudanças que aconteceram em todos os níveis: políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, desde o século XVI.<sup>1</sup>

O Pós-moderno indica que o Moderno se despede. A indicação é que estamos em um período posterior ao Moderno. A Pós-modernidade, pode-se dizer que se “afirma negando a Modernidade, desconfia do passado”<sup>2</sup> e se direciona na desconstrução do Moderno. O pensamento Pós-moderno mostra a rejeição à razão universal. O discurso da Pós-modernidade se justifica e se legitima com base nas experiências que vivemos no mundo atual. O consumo desenfreado e os avanços tecnológicos têm mostrado que a sociedade se individualiza cada vez mais. Do mesmo modo, o crescente aumento das pessoas nas cidades, o crescimento urbano provoca um aumento do individualismo. Georg Simmel chamou a atenção para isso, considerando que a metrópole provocava efeito na vida mental das pessoas. A Complexidade da vida metropolitana desencadeava e caracterizava as pessoas pela sua atitude *Blasé*, distanciando-as em seus relacionamentos e tornando-as reservadas e individualizadas. No entanto, a Democracia não pode ser negada. É na modernidade que ela avança e se concretiza como prática política que melhor organiza a sociedade. Dessa forma, esse texto tem como objetivo mostrar que a Democracia, embora a individualização da sociedade provocada pelas mudanças que ocorreram nos últimos tempos e a Pós-modernidade que busca negar a razão, ela avança e se concretiza como prática que melhor atende aos anseios políticos da sociedade atual. Em primeiro lugar, procuramos demonstrar as transformações na sociedade e a individualização, provocadas por algumas mudanças que parecem ser básicas para esse entendimento. Em segundo momento, democracia e radicalização, abordamos os movimentos sociais e a construção de reivindicações pela liberdade e pela democracia. O terceiro ponto destaca as mudanças que levaram à ruptura com as tradicionais classes sociais e, na atualidade, outras lutas surgem, mas o aspecto democrático persiste como principal objetivo nos novos movimentos.

## 1 As transformações sociais

As transformações sociais ocorridas nos últimos anos são importantes para compreender a individualização da sociedade. Aspecto que pode ferir a participação democrática na vida política de todas as pessoas. Não somente nas questões políticas, mas em todas as outras decisões que afetam a todos. Entre as mudanças que ocorreram e que mudaram o comportamento dos indivíduos, destacamos algumas que parecem principais.

- a) A Globalização tem em seu centro a dispersão da produção e a desterritorialização. Isso é possível observar na produção de mercadorias, na distribuição espacial da indústria e nos investimentos de capital. Não existem fronteiras para a circulação de bens, mercadoria e capital. Na verdade, a globalização é uma concorrência de todos contra todos, em que observamos a destruição dos empregos, falências de empresas, conflitos étnicos e migração. Interessante é que em nome da globalização, políticos, empresários e alguns teóricos interpretam como encontro da homogeneização e o rumo ao futuro solidário.
- b) O Estado-Nação, embora muito presente, mostra sua debilidade ou mudanças em relação ao que conhecemos(?) *O nacionalismo, depois de se alastrar pelo terceiro mundo no pós-guerra,*

---

<sup>1</sup> Lyon (1998).

<sup>2</sup> Gadea (2004).

*parece estar em recesso.*<sup>3</sup> No que ele sobrevive é em resposta aos ataques sobre os espaços territoriais, como manutenção da ordem (embora com certo grau de dificuldade) e como aparelho de garantia de políticas públicas. Por outro lado, demonstra seu enfraquecimento frente ao capital globalizado e às instituições políticas universais: ONU, Unesco, BIRD, Unicef, etc.

- c) Outro aspecto é a destruição e enfraquecimento de instituições, como família, Escola, Igreja, ou seja, os fundamentos morais estão em jogo. O processo de globalização, que tem a desterritorialização da produção como aspecto determinante, causa impactos no cotidiano e na vida dos indivíduos. O fundamento da cultura ocidental é expresso pelo compartilhamento entre trabalho, família e comunidade. O trabalho ocupa lugar central, e a comunidade se constrói sobre o trabalho como bem comum, compartilhando com a estrutura da família e comunidade.
- d) Os movimentos ecológicos que explodiram nos últimos anos buscam destacar a escassez dos recursos naturais. Defendem o local como ponto de partida para o equilíbrio global dos recursos, bem como o desenvolvimento das nações com sustentabilidade. Segundo Aronowits,<sup>4</sup> os movimentos ecológicos são tipos de política pós-moderna dividida em desterritorialização e regionalismo. Na desterritorialização, “a comunidade é o melhor espaço para a vida econômica, política e cultural, e que as relações sociais comunitárias deveriam ser horizontais, em oposição à configuração vertical (hierárquica).”<sup>5</sup> Enquanto que no regionalismo defende-se a ideia de governos locais que se definem pelo espaço geográfico. Assim, tanto na política de desterritorialização quanto no regionalismo, o fator determinante é a busca de formas “[...] *de poder baseadas no conceito de escassez, que já não se refere aos recursos econômicos mas ao próprio ecossistema.*”<sup>6</sup>
- e) A violência globalizada é justificada pelo controle do terrorismo e pode ser vista sob três aspectos principais. O primeiro diz respeito às sociedades ditas democráticas, chamado de terrorismo de Estado. Geralmente consiste em atacar sociedades que teriam estabelecido relações com outras e/ou com forças do mal para alcançar prestígio econômico, político e social.<sup>7</sup> Outro aspecto é que o terrorismo se aplica, também, a sociedades não ou menos democráticas. Pode ser deflagrado em nome do imperialismo ou governos autoritários. Nesse sentido, declaram guerra aos princípios morais e sagrados de uma sociedade revolucionária. O terceiro aspecto está relacionado à sociedade de consumo e às privatizações. As privatizações das empresas públicas têm impacto direto no emprego de centenas de pessoas, privando-as de vida-social fundamentada no trabalho e consumo.
- f) Outro aspecto a destacar é a concentração urbana. O crescimento das cidades provocado pela migração em massa para áreas industriais, provenientes das zonas rurais significa, também, mudanças sociais. Assim como Simmel, a Escola de Chicago abordou esse tema e foram muitas as análises sobre o indivíduo urbano. As luzes da cidade, a noite, os entretenimentos, tudo é atrativo para viver na cidade. No entanto, a exatidão, a complexidade, a pontualidade e o cálculo criam relações distintas no modo de viver das pessoas. O reflexo disso é a individualização e a atitude reservada dos indivíduos do mundo urbano.

<sup>3</sup> Aronowits (1992, p. 152).

<sup>4</sup> Aronowits (1992).

<sup>5</sup> Aronowits (1992, p. 156).

<sup>6</sup> Aronowits (1992, p. 156).

<sup>7</sup> Aronowits (1992).

Essas transformações causaram impacto nas sociedades, rompendo com tradições históricas e reforçando o individualismo. A tradição do novo para uma sociedade, uma cultura ou uma pessoa é um processo contínuo de sustentação e afirmação da identidade.<sup>8</sup> Segundo esse mesmo autor, a conduta social das pessoas, dos grupos e das sociedades são atribuídos à sua classe. E continua Bell:<sup>9</sup>

*Para la mayoría de la sociedad y para muchos aspectos de la vida social, esta afirmación general tal vez sea aún válida. Pero es cada vez más evidente que, para una proporción importante de la población, ya no rige el vínculo de la posición social con el estilo cultural, en masas de tales dimensiones como la clase obrera, la clase media y la clase alta.*

Para entender a ruptura com o vínculo à classe social é suficiente observar a expansão do ensino superior que se tornou acessível para muitos jovens da classe trabalhadora, negros, entre outros, produzindo significativa nivelção do que antes era algo de uma classe que se diferenciava das demais. Da mesma forma, o crescimento econômico dos últimos anos massificou a produção de bens, reduzindo custos, tornando, assim, fácil o acesso ao consumo para número bem maior de indivíduos. Isso mostra que está se dissolvendo a estrutura tradicional das classes, e é cada vez maior o número de indivíduos que procuram ser identificados por seus gostos culturais e por seus estilos próprios de vida. É que antes, a base ocupacional dos indivíduos permitia eleger itens variados para diferenciar-se de outras classes (Por exemplo, viagens, piscinas, carros, etc.). Heller,<sup>10</sup> destaca que “[...] a erosão de redes de cultura de classe tornou-se visível, e o relativismo cultural inequivocadamente ganhou impulso.” Portanto, a diferenciação entre classes dá espaço para algo novo, a distinção pela identidade dos indivíduos.

A decomposição dos quadros sociais faz surgir e reforçar o individualismo. Segundo Touraine:<sup>11</sup>

O indivíduo fragmentou-se rapidamente em múltiplas realidades. Um de seus fragmentos nos revelou um eu fragilizado, mutante submisso a todas as publicidades, a todas as propagandas e às imagens da cultura de massa. O indivíduo não passa então de uma tela sobre qual se projetam desejos, necessidades, mundos imaginários fabricados pelas novas indústrias de comunicação. Esta imagem de indivíduo, que já não é mais definido por grupo de pertença, que é cada vez mais enfraquecido e que não encontra mais garantia em si mesmo, pois já não é mais um princípio de unidade e é obscuramente dirigido por aquilo que escapa à sua consciência, serviu muitas vezes para definir a modernidade.

As lutas de classe esvaziaram-se e deslocaram-se para problemas mundiais. As classes sociais, categorias de assalariados, operários eram definidas pelas relações sociais no trabalho e baseavam-se na hipótese da contradição entre burguesia e proletariado. O choque antagônico entre classes faria surgir novas premissas capaz de levar a sociedade à homogeneidade. O que se observa não é o fim dos movimentos sociais, mas um deslocamento das lutas de classe para as lutas por direitos globais. “As noções propriamente sociais, como noção de classe social, perdem algo de sua força de explicação e mobilização.”<sup>12</sup> Nesse sentido, os indivíduos não se identificam em uma classe social, mas sim em movimentos que respondem aos seus anseios pessoais. É por isso que nos últimos anos surgiram inúmeros movimentos em defesa da liberdade individual – Movimento de homossexuais, *gay*, de mulheres, donas de casa, movimento em defesa do negro, movimentos ecológicos, entre outros. Esses

<sup>8</sup> Bell (1992, p. 49).

<sup>9</sup> Bell (1992, p. 49).

<sup>10</sup> Heller (1998, p. 194-195).

<sup>11</sup> Touraine (2006, p. 119).

<sup>12</sup> Touraine (2006, p. 34).

movimentos agregam indivíduos que buscam afirmar a identidade de pertencimento a um grupo. Os novos movimentos reúnem em torno de si uma série de lutas diversas, porém o que está presente é a democracia. E, nas lutas pelas suas conquistas individuais, reforçam ainda mais o caráter democrático. Embora as transformações sociais dos últimos tempos tenham provocado rupturas nos movimentos de lutas de classe, os novos movimentos têm mostrado que o papel da democracia é preponderante na busca de uma sociedade livre e igualitária.

## 2 DEMOCRACIA E RADICALIZAÇÃO

A revolução democrática está relacionada diretamente à Revolução Francesa. A Revolução Francesa foi quem deu legitimidade à democracia, pois ela rompeu com a afirmação do poder absoluto. A Declaração dos Direitos do Homem proporcionou condições concretas para aprofundar o discurso da liberdade e igualdade. E, da mesma forma, ampliou as lutas contra a opressão e pela liberdade política. Esses movimentos pela liberdade política aprofundaram ainda mais o papel fundamental da construção de consciência da classe proletária. A crítica da desigualdade política ocorria entre meio aos diversos discursos socialistas. De fato, as lutas socialistas podem ser vistas no interior das lutas por direitos democráticos. As experiências com os modelos de governos socialistas mostraram que o autoritarismo e a burocracia não eram caminhos viáveis para atingir uma sociedade igualitária, embora os investimentos e os avanços nas áreas sociais, nesses países ditos socialistas, pecaram na liberdade política dos indivíduos.

A democracia antecede o socialismo [...] *por ter sido negada às sociedades do terceiro mundo e porque permanece irrealizada no primeiro e no segundo mundo.*<sup>13</sup> É que para os marxistas, o socialismo representa uma ampliação da democracia. Entretanto, se após a Revolução Francesa houve aproximação da igualdade nos direitos políticos, ficou muito distante a redução das desigualdades econômicas. O ponto principal das lutas de classes clássicas do operariado era a revolução que levaria a sociedade ao socialismo. O caráter principal da revolução socialista está na ditadura do proletariado, isso sugere a concentração de poder no qual a sociedade estaria organizada racionalmente.

É importante observar que as lutas de classe, então, concentravam-se em duas frentes. Primeiramente elas se dirigiam, com os movimentos sindicais, na direção das melhorias na distribuição de renda. Nesse sentido, as críticas caíam sobre o modelo de desenvolvimento adotado pelos países. No caso da América Latina, desenfreou-se um modelo de desenvolvimento nacionalista autônomo, sob fortes governos autoritários, no entanto, nada diferente de alguns países Europeus. Nesse caso, também alicerçado em governos de fortes regimes repressivos, disseminou-se o socialismo como forma de eliminar o domínio do capital estrangeiro e melhorar a distribuição de renda. Esses nacionalismos apoiados por lideranças governamentais militares levantaram reivindicações democráticas, e esse é o segundo aspecto, dado o poder voltado para o capital. A explosão dos movimentos democráticos surge no seio dos movimentos sindicais. Nesses movimentos se reflete a expressão e a reivindicação de se organizar em sindicatos e associações e do direito de greve. Como Laclau e Foucault afirmam: em todo lugar onde existe poder, existe resistência e que as formas de resistências são diversas e variadas. Então, à medida que aumentam as reivindicações e os movimentos em prol da liberdade política, estimulam as lutas pelos direitos humanos. No entanto, o liberalismo proclamado pela classe

<sup>13</sup> Aronowits (1992, p. 167).

operária repercute de forma positiva na classe média que visa à liberdade do mercado capitalista, democracia representativa e Estado Pluralista.

A partir de 1980, os movimentos de liberdade democrática ganham tamanha força capaz de promover a redemocratização nos países latino-americanos. Com a redemocratização e a escolha dos representantes governamentais pelo voto do povo, a política econômica passa a seguir as estratégias de controle mundial do capital. Assim, a América Latina foi um campo fértil para disseminar políticas Neoliberais justificadas pela dificuldade do Estado autoritário e promover o desenvolvimento e a distribuição de renda.

A doutrina política neoliberal fundamenta-se na não intervenção do Estado, ou seja, Estado mínimo. Nos últimos anos, essa política foi adotada pela grande maioria dos países latinos-americanos. A doutrina para os neoliberais é reduzir ao mínimo os poderes do Estado, a fim de garantir os objetivos políticos centrais, principalmente o da liberdade individual. Milton Friedman<sup>14</sup> declara que,

*[...] éste es el solo tipo de organización social que respeta el principio de la libertad individual, pues él constituye el único sistema económico capaz de coordinar las actividades de un gran número de personas sin recurrir a la coerción. (...) Toda intervención del Estado, excepto cuando se trata de materias que no pueden ser reguladas a través del mercado, es considerada un atentado a la libertad individual.*

Nesse debate escapa a noção de distribuição e justiça social, pois o Estado não deve intervir, e os indivíduos são livres, e cada qual deve usar seus conhecimentos para atingir os seus propósitos. E quanto àqueles que não têm sucesso? Ora, os acidentes acontecem e ninguém pode impedir que diferentes indivíduos possam vir a sofrer.

Outro eixo que ataca o liberalismo e a democracia, pelos neoconservadores, é propor nova definição para democracia. Nesse aspecto, essa nova definição serviria para justificar um regime em que a participação política seria quase inexistente. É o que sugere Brzezinski<sup>15</sup> *[...] separar crecientemente el sistema político de la sociedad, y comenzar a concebir a los dos como entidades separadas.* Esse objetivo teria como efeito a despolitização, tanto em nível econômico quanto político e social. Do mesmo modo, Robert Nozick<sup>16</sup> destaca que a função do Estado é de proteger aqueles que legitimamente lhe pertencem, e que o Estado não tem o direito de impor impostos que vão além dos necessários para as atividades policiais. Nesse caso, o Estado mínimo deveria representar somente, e nada mais, que a lei e a ordem. Esse discurso objetiva submeter os indivíduos à violência do Estado e romper com a liberdade política construída ao longo da História.

Embora haja ataques à liberdade e à democracia, Laclau e Mouffe<sup>17</sup> sugerem como nova alternativa para a esquerda: a radicalização da democracia. Isso não significa ruptura com a ideologia liberal-democrática, mas visa a aprofundar o momento democrático,

*[...] al punto de hacer romper al liberalismo su articulación con el individualismo posesivo. [...] La tarea de la izquierda no puede por tanto consistir en renegar de la ideología liberal-democrática sino al contrario, en profundizarla y expandirla en la dirección de una democracia radicalizada y plural.*<sup>18</sup>

É que as mudanças ocorridas no mundo atual, como visto anteriormente, têm aumentado o individualismo e a luta pela afirmação da identidade. Isso promoveu mudanças significativas

<sup>14</sup> Friedman (apud LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 194).

<sup>15</sup> Brzezinski (apud LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 195).

<sup>16</sup> Nozick (apud LACLAU; MOUFFE, 1987).

<sup>17</sup> Laclau e Mouffe (1987).

<sup>18</sup> Laclau e Mouffe (1987, p. 199).

nos movimentos sociais e nas formas de reivindicações. No entanto, a política democrática desses novos movimentos é o ponto forte nas lutas pela liberdade dos indivíduos.

### 3 Individualismo e democracia

Nos finais do século XX, iniciava a caminhada para a redemocratização nos países que haviam enfrentado as ditaduras militares. Inúmeros movimentos sociais haviam se juntado na luta contra os regimes autoritários. A exigência à liberdade política, o fim da censura, o direito de greve, mobilizou trabalhadores, estudantes, artistas, intelectuais, entre outros, que discutiam a construção de um Estado verdadeiramente democrático. O que temos atualmente, com os novos movimentos sociais, é uma contínua luta à liberdade e à democracia. Porém, algo novo existe nesses movimentos: a luta contra a dominação. Certamente não é mais, somente, a dominação pelo Estado. Também não é possível negar que as lutas desses movimentos não passem pelo viés político e/ou requerem sua intervenção. A dominação é supostamente exercida pelo capital e pelos aspectos culturais construídos ao longo da modernidade. Nesse aspecto, as lutas pela afirmação da identidade estão relacionadas à cultura e, no cotidiano, é possível observar, em diferentes espaços, a dominação que sofrem os indivíduos.

O discurso democrático articulou várias formas de resistência, como o das mulheres, por exemplo. Laclau e Mouffe<sup>19</sup> assinalam esse aspecto no seguinte trecho: *"En el caso del feminismo se trató en un primer tiempo de hacer accender a las mujeres a los derechos políticos; más tarde a la igualdad económica; hasta llegar al feminismo presente, que exigirá la igualdad en otros numerosos dominios."* É que a partir da II Guerra, os movimentos sociais passaram a ser observados e se tornaram visíveis por relações e por aproximações de identidades culturais. Nesse aspecto, há ruptura com o que se chamou de cultura de classe. A contribuição para a cultura de classes está nas organizações de operários, sindicatos e, depois, no político. As novas relações de trabalho, que surgem na segunda metade do século XX, tornam visíveis as novas formas de vida e alterações nos padrões culturais, principalmente pelas novas gerações que, nos movimentos "jovens", passam a envolver indivíduos de diversas funções, como: trabalhadores, desempregados, jovens, acadêmicos, ambientalistas, etc.

Os novos movimentos culturais, segundo Agnes Heller<sup>20</sup> vieram em ondas. "[...] Isso se deu pelo simples motivo de que cada nova geração tinha de chegar à maioria, no sentido de criar uma nova instituição imaginária, antes e pegar a tocha da geração anterior. Destaca, ainda, que três gerações surgiram após a II Guerra: a geração existencialista, alienação e a geração pós-moderna. As ondas surgem uma da outra, no sentido de continuidade e não são independentes. Esses movimentos culturais e sociais contribuem para a destruição da cultura de classes. A existencialista, como afirma Heller,<sup>21</sup> foi uma experiência de liberdade pessoal. *"Contudo a liberdade da pessoa existente, contingente, não mais bastava em sua condição de a noção de liberdade. A liberdade tinha de ser politizada."* Era a liberdade que tomava conta dos jovens voltados para possibilidades ilimitadas na vida. A palavra de ordem era ser livre. A geração alienação surge no pós-guerra e o fator preponderante foi a prosperidade econômica, juntamente com as possibilidades sociais que dali surgiram. Porém, a liberdade continuava sendo o valor principal. A geração Pós-moderna, segundo Heller,<sup>22</sup> é a do vale-tudo, que pode ser

<sup>19</sup> Laclau e Mouffe (1987, p. 175).

<sup>20</sup> Heller (1998, p. 198, p. 197).

<sup>21</sup> Heller (1998, p. 198).

<sup>22</sup> Heller (1998, p. 200).

lida da seguinte maneira: “Você pode se rebelar contra qualquer coisa que queira, mas me deixa a mim me rebelar contra a coisa determinada que eu quero.” Importante observar que esse movimento cultural não é apolítico, pois defende qualquer tipo de política particular, e aglutina todos os tipos de movimentos: artísticos, políticos, culturais ou ambientais.

O que ocorre hoje é que cada um de nós busca ou procura construir sua própria vida individual. É que o indivíduo se afirma como um ser de direitos. Alain Touraine<sup>23</sup> destaca que:

[...] direito sobretudo de ser um indivíduo, ou seja, não o Homem acima de todos os atributos, mas o ser humano dotado de seus direitos cívicos e seus direitos sociais, de seus direitos de cidadão e de trabalhador, e também (e sobretudo) hoje de seus direitos culturais: direitos de escolher a sua língua, suas crenças, seu gênero de vida – mas igualmente sua sexualidade, que não se reduz a um gênero construído pelas instituições dominantes.

A individualização da sociedade e a luta pelos direitos demonstram a ruptura com os movimentos sociais clássicos. Os movimentos sociais anteriores não desaparecem, mas mudam e se autotransformam. As buscas, pelo indivíduo, por seus direitos e garantias institucionais reforçam as instituições que protegem as liberdades. Da mesma forma, as lutas individuais ascendem os movimentos sociais que, na luta pelos direitos universais, têm em seu interior a democracia.

Essas reivindicações e lutas individuais buscam explorar o novo. Novo no sentido de novas condutas, novas situações que são colocadas às pessoas nas relações sociais atualmente. As relações sociais, que ora vivenciamos, são produzidas não somente pela política econômica, mas, também, pela ação de diversas representações culturais. Assim, em um mundo globalizado, temos as posições de indivíduos dispersos e isso dificulta a unidade coletiva das identidades.

A questão que se coloca é: Como é possível a homogeneidade social na luta pela democracia? Nesse aspecto, observamos Ernesto Laclau, na teoria da hegemonia e dos significantes vazios, diz ele que uma demanda específica e pontual, como, por exemplo: a solicitação à prefeitura de uma linha de ônibus de um bairro até o local de trabalho de alguns moradores pode ser aceita e resolvido o problema ou pode ser recusada. Se recusada, haverá frustração, e as pessoas podem notar que naquele bairro há outras demandas, como saneamento, habitação e educação que não satisfazem; isso poderá criar um sentimento de solidariedade entre todas as demandas.<sup>24</sup>

Outro exemplo que utiliza Laclau:<sup>25</sup> supõe-se que em uma sociedade altamente repressiva surge uma mobilização em torno de uma questão específica: greve de trabalhadores por melhores salários. Essa é uma demanda específica, a melhoria de salários. Mas, como ocorre em um sistema repressivo, essa demanda pode ser entendida como um enfrentamento ao sistema. Esse movimento pode atrair outros grupos sociais, como estudantes universitários, que propõem reformas no sistema educativo. As particularidades dessas duas demandas são distintas uma da outra. Mas como oposição ao sistema, estão ligadas entre si em relação de equivalência. E continua ele:

Depois, vamos ter em uma outra localidade uma mobilização de políticos liberais pela liberdade de imprensa [...]. Se as demandas forem individualmente satisfeitas por meios administrativos, neste caso, não haverá equivalência entre todas elas. Mas se as demandas não são satisfeitas, começa-se a criar uma relação equivalencial e esta relação equivalencial começa a construir um povo, num sentido geral.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> Touraine (2006, p. 124).

<sup>24</sup> Laclau (2006).

<sup>25</sup> Laclau (2006).

<sup>26</sup> Laclau (2006, p. 23).



A partir de certo momento, a cadeia equivalencial estende-se o suficiente e simbolicamente é necessário representá-la. A representação é de demanda individual, ou seja, uma demanda adquire a função de totalidade em relação às demais. Essa relação é chamada de hegemônica. "Hegemonia é isso: uma particularidade que assume uma certa função universal."<sup>27</sup> Agora é preciso entender o significante vazio para compreender como o povo se constitui em ator coletivo. Então, quanto mais se estender à cadeia de equivalência, [...] menos a demanda que assume o papel de representar a cadeia como um todo vai manter um vínculo estrito com o que a constituía originariamente como particularidade."<sup>28</sup> Ou seja, para ser o representante universal na cadeia equivalencial, a demanda vai ter de se desvincular dos conteúdos concretos anteriormente reivindicados por ela.

Nesse sentido, a demanda terá que se esvaziar dos conteúdos e significados específicos para se tornar um significante vazio. "É um significante que perde sua referência direta a um determinado significado."<sup>29</sup> No momento do esvaziamento, na transformação do significante vazio que cria a cadeia hegemônica, a representação são as demandas individuais. É o nome de um indivíduo, algo que tem seu significante, mas não um significado preciso, pois a extensão da cadeia é maior e somente está unificada em torno de um nome.

Os novos movimentos sociais que unem diversas reivindicações: urbanas, rurais, ecológicas, feministas, de minorias étnicas, antirracistas, sexuais, etc. surgem, também, da dominação exercida sobre esses indivíduos. A busca pela liberdade, palavra e ordem na atualidade, entra em choque com as instituições antidemocráticas ou de participação limitada. É nesse sentido que Laclau<sup>30</sup> destaca que a saída para a esquerda é ampliar as relações democráticas bem como ampliar as cadeias de equivalência entre as diversas lutas contra a opressão.

É possível observar que nas cadeias de equivalência também existem limitações dado as desigualdades sociais. Para a homogeneidade em torno de uma democracia plena não basta a luta pela igualdade. É necessário também que as forças se juntem por uma demanda de liberdade. Na verdade, os novos movimentos sociais têm essa característica, a luta contra a opressão e a subordinação. Não somente a opressão que esses indivíduos sofrem dentro de instituições políticas, sociais e econômicas, mas, também, dentro de aspectos culturais de determinados grupos étnicos.

Outro entrave é que, na lógica do liberalismo, a liberdade do indivíduo para realizar suas capacidades humanas hoje em dia é muito vigente. Isso pode levar a certos excessos totalitários ou a defesas individuais ao molde burguês. Os direitos dos indivíduos devem ser entendidos dentro do contexto de outros sujeitos que participam das mesmas relações sociais. Assim, é possível construir espaços de direitos democráticos onde os direitos são coletivos e supõe-se que são iguais para todos.

## Conclusão

O processo de globalização acompanhado ao avanço tecnológico tem provocado alterações significativas na sociedade atual. O destaque é a individualização, a luta pelos direitos individuais, a busca pela afirmação da identidade e as transformações que podem ser observadas nos movimentos sociais. Alguns teóricos destacam que estamos vivendo em outros tempos em relação ao mundo Moderno. Estamos presenciando a Pós-modernidade. Não era objetivo aqui discutir questões teóricas

<sup>27</sup> Laclau (2006, p. 24).

<sup>28</sup> Laclau (2006, p. 24).

<sup>29</sup> Laclau (2006, p. 25).

<sup>30</sup> Laclau (2006).

da Modernidade e Pós-modernidade. A questão principal é observar que, embora há individualização da sociedade, o caráter democrático como um valor moral e ético está muito presente nos novos movimentos sociais.

Os movimentos sociais clássicos que lutavam por melhorias salariais tinham, também, em seus princípios, a liberdade e a democracia. Durante os governos de regimes autoritários, diversos foram os movimentos sociais que reivindicaram liberdade de expressão, fim da censura, direito de greve, etc. Nessas lutas, a homogeneidade social viria a partir da formação da classe proletária antagonista à Burguesia. E nesse enfrentamento de classe, na melhor das hipóteses, seria instalado o socialismo. Esse discurso e prática da esquerda, talvez, hoje, tenha pouco sentido. Não no caminho para um modelo de sociedade mais igualitária, mas na homogeneidade construída a partir de classes sociais.

Entre os múltiplos movimentos sociais que aglutinam diversas identidades culturais e étnicas, o termo classe no sentido clássico é praticamente inexistente. O que temos são ações coletivas que lutam pela liberdade, fim da opressão e subordinação. E essas ações trazem consigo trabalhadores, jovens, estudantes e mulheres que não estão identificados em uma classe social. Mas são indivíduos que, reivindicando à determinada dada demanda específica, solidarizam-se com outros movimentos, ampliando o leque de reivindicações. Essas lutas reivindicatórias são heterogêneas, pois são constituídas de diversas demandas e a partir do momento em que essa heterogeneidade de demandas se constituir em uma demanda universal, pode-se criar homogeneidade em torno da democracia.

## Referências

ARONOWITZ, Stanley. Pós-Modernismo e Política. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BELL, Daniel. *Las Contradicciones Culturales del Capitalismo*. Madri: Alianza, 1992.

GADEA, Carlos A. *La Dinâmica de la pos-modernidad*. Revista Eletrônica Contratiempo. Buenos Aires. <[www.revistacontratiempo.com.ar](http://www.revistacontratiempo.com.ar)>. Acesso em: 5 ago. 2011.

HELLER, Agnes. *A Condição Política Pós Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LACLAU, Ernesto. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL JÚNIOR, Aécio; BURITY, Joanildo de A. (Org.). *Inclusão Social, Identidade e Diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia y Estrategia Socialista: Hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LYON, David. A Modernidade e suas Insatisfações. In: *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

TOURAINÉ, Alain. *Um Novo Paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.

